



A Rede de Sementes da Teia dos Povos, na Bahia: diálogos sobre ancestralidade e territorialidades na construção da soberania alimentar
The Seed Network of the Web of Peoples, in Bahia: dialogues on ancestry and territorialities in the construction of food sovereignty

RIBEIRO, James F. B.¹; FERREIRA, Manuela S.²

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial (PLAN TERR) – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), james.cmentes@gmail.com; ²Graduada em Tecnologia em Agroecologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), manueelasampaio@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território

Resumo: As sementes são fundamentais para a luta dos povos na defesa de seus territórios, ocupando centralidade para as sociedades humanas desde os primórdios da Agricultura. Assim, este trabalho objetivou compreender a importância das sementes crioulas na construção da Soberania Alimentar, a partir de pesquisa realizada com lideranças de cinco comunidades articuladas na Rede de Sementes da Teia dos Povos-BA, onde pôde ser verificada uma multidimensionalidade atribuída às sementes, centrais nas territorialidades destes povos, além de apresentarem grandes vantagens em relação às sementes híbridas e transgênicas, em um cenário em que a contaminação genética e por agrotóxicos tem se destacado como o maior obstáculo no trabalho com as sementes crioulas. Também pôde ser discutida a relação imbricada entre a luta pela Terra e pelo Território, com o domínio das Sementes Crioulas e a construção da Soberania Alimentar, abordando neste debate as contribuições da territorialidade dos povos das águas.

Palavras-chave: agroecologia; território; sociobiodiversidade; bem viver.

Introdução

Desde 2012, povos indígenas, quilombolas, comunidades tradicionais, povos de terreiro, movimentos sociais do campo e da cidade, conjuntamente com cientistas, estudantes e universidades, têm discutido a partir da articulação da Teia dos Povos, nas Jornadas de Agroecologia da Bahia, o papel da Agroecologia na defesa e fortalecimento dos territórios tradicionais, camponeses e populares, garantindo importantes contribuições para a construção da Agroecologia enquanto um novo paradigma científico e popular.

Fruto deste processo de diálogo, troca e construção de experiências, a Teia dos Povos, articulação de povos do campo, das águas, florestas e cidades, movimentos e organizações populares, têm construído a Rede de Sementes dos Povos, com o objetivo de fortalecer a construção da soberania alimentar nos territórios articulados por ela.

Compreendendo a urgência dessa iniciativa, em uma conjuntura de avanço do Agronegócio e outras expressões do Capitalismo no campo sobre os territórios construídos e ocupados tradicionalmente pelos povos, a Teia dos Povos tem



proposto à sociedade uma reflexão sobre a Terra, o Território e as Sementes Crioulas, como fundamentos para a garantia da Soberania Alimentar da população.

Nesse sentido, o presente trabalho, realizado em 2020/2021, durante a pandemia, para fins de conclusão da graduação em Tecnologia em Agroecologia, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), teve como objetivo discutir o papel das sementes crioulas na produção e reprodução da vida nos territórios tradicionais e camponeses, e na construção da soberania alimentar.

Discutindo o papel das sementes crioulas, é abordado no texto suas dimensões agrônômica, econômica e cultural, os desafios e dificuldades para seu cultivo e produção, e sua relação com a Terra e o Território enquanto princípios da Soberania Alimentar, onde a Pesca Artesanal é discutida neste processo. Também é abordado o papel das instituições e dos profissionais que atuam no campo em trabalho com as sementes crioulas para a soberania alimentar.

A partir das ricas contribuições das cinco lideranças comunitárias entrevistadas, de distintas comunidades articuladas na Teia dos Povos, localizadas nas regiões do Recôncavo, Baixo-Sul, Sul e Sudoeste da Bahia, o trabalho aponta para uma profunda relação entre as sementes e a reprodução da vida humana, que se expressa nos significados que os povos atribuem a elas, e na centralidade que ocupa na dinâmica de suas territorialidades, reforçando a Agroecologia como um paradigma inovador e popular protagonizado por estes povos.

Metodologia

Para descrever os passos dados na realização desta pesquisa, é importante ressaltar que ela foi construída em meio ao contexto de pandemia do Covid-19, em um cenário de inseguranças e fragilidades de ordem sanitária, econômica e social, que impôs uma série de limitações nas relações sociais e também no desenvolvimento das pesquisas de cunho social.

Nesta condição, foram realizadas entrevistas à distância com cinco lideranças comunitárias de distintas comunidades ligadas à Teia, localizadas nas regiões do Recôncavo, Baixo-Sul, Sul e Sudoeste do estado, além de pesquisa documental sobre a Teia dos Povos e pesquisa bibliográfica sobre Questão Agrária, Agroecologia, Soberania Alimentar e Sementes Crioulas, temáticas consideradas importantes na fundamentação teórica desta pesquisa.

A maneira como estão organizados e relacionados os procedimentos adotados para desenvolvimento desta pesquisa, lhe configuram como uma Pesquisa Exploratória, que segundo Gil (2008), tem como finalidade desenvolver conceitos e ideias que contribuam na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores, normalmente "(...) por meio de levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso" (GIL, 2008, p.27).



A pesquisa de campo foi realizada entre os dias 24 de outubro e 12 de novembro de 2020, por meio de entrevistas semiestruturadas compostas por perguntas geradoras, que buscaram trazer em seus conteúdos as temáticas propostas pelos objetivos específicos deste trabalho, procurando estimular um debate acerca da importância das sementes crioulas, dos desafios em seu processo de cultivo e multiplicação, do papel das universidades e profissionais de agrárias neste trabalho, bem como a relação entre Terra, Território e Soberania Alimentar.

Como sujeitos participantes desta pesquisa, temos as lideranças comunitárias do Assentamento Terra Vista-MST, município de Arataca, Quilombo Conceição de Salinas, Salinas das Margaridas, Quilombo Engenho da Ponte, Cachoeira, Quilombo Lagoa de Melquíades e Amâncio, Vitória da Conquista, e Terreiro do Campo Banto-Indígena Nzo Caxuté, Valença, que no trabalho recebem os codinomes de Senhor do Ferro, Senhora das Marés, Senhora dos Rios, Jovem Guerreiro e Águas Boas, respectivamente.

Resultados e Discussão

De início, a partir das entrevistas, é evidenciado o protagonismo da Teia dos Povos em promover a Agroecologia enquanto uma ciência popular, capaz de articular uma diversidade de sujeitos envolvidos na defesa da terra e do território, das águas, da agrobiodiversidade e modos de vida tradicionais, quando as lideranças colocam que suas aproximações com a Teia dos Povos se deram mediante a pauta comum de defesa do território e unificação dos povos.

Neste sentido, é possível observar como a questão territorial é comum e central para as comunidades tradicionais, ao tempo que, a busca pela autonomia e soberania destes territórios tem sido uma luta constante, fortalecida por meio da unificação dos povos que a Teia propõe, onde *“as sementes crioulas são extremamente importantes, não só pra garantia da autonomia, mas também para a soberania dos territórios”* (Senhora da Maré, 2020).

Essa importância estratégica das sementes crioulas, é afirmada por Senhor do Ferro, quando diz que *“quem quiser ter soberania alimentar tem que ter sementes, tem que cuidar das sementes, tem que controlar as sementes, se não fizer isso não tem soberania alimentar”*.

Outro aspecto relevante sobre as sementes crioulas, apontado pelas pessoas entrevistadas, é sua dimensão histórica e ancestral, carregando a história dos povos que a cultivaram, mantendo a tradição viva, a partir de um vínculo com os antepassados que elas proporcionam, como evidencia Jovem Guerreiro em sua fala: *“a gente busca guardar aquelas sementes que vieram desde nossos antepassados, nossos avós, bisavós (...) manter essa tradição viva, e passar isso pros nossos filhos, para os nossos netos, isso é de extrema importância”*.



Segundo Fernandes (2019) apud. Heatherington (2017), as sementes representam uma ligação com fontes simbólicas importantes para a identidade e consciência de comunidades e povos tradicionais, sendo importantes para o processo de manutenção e suporte de suas subjetividades. Isso fica evidente na fala de Jovem Guerreiro quando afirma que ao plantar, lembra de seus antepassados, da memórias de seus avós; e na fala de Senhora da Maré, quando afirma que no território pesqueiro, se pratica pesca e agricultura, e que na Pesca Artesanal, a guardiã das “sementes” é a mais velha de suas mais velhas, ou seja, é a própria Natureza representada por Nanã, divindade que rege o mangue, e por Iemanjá, divindade que rege os mares. Nessa perspectiva, Senhora da Maré aponta que no mundo da pesca também há as sementes dos frutos do mar, que ficam guardadas nos mangues e estuários, onde o papel das marisqueiras e pescadores é proteger este ambiente, para que assim, o ciclo reprodutivo dos frutos do mar continue se perpetuando.

Outro aspecto relevante que aparece nas falas, é a prática e os saberes tradicionais passados de geração em geração, responsáveis por garantir os modos de vida no território tradicional, seja no cuidado com os ciclos reprodutivos dos pescados e mariscos, presentes na Pesca Artesanal, onde a ciência sobre os ciclos lunares e das marés são importantíssimos, como no trabalho de seleção, armazenamento, plantio e colheita das sementes na Agricultura.

Segundo Fernandes e Santos (2019), este tipo de conhecimento e tecnologia é apreendido na tessitura das relações sociais no interior das comunidades, onde é passado entre as gerações todo um cabedal de conhecimentos, saberes e práticas acerca do cultivo e manutenção das sementes crioulas, responsáveis pela continuidade das comunidades tradicionais em que estão inseridas.

É deste modo que as sementes crioulas e os conhecimentos tradicionais a elas associados, foram fundamentais para garantir a sobrevivência dos agrupamentos humanos ao longo da história da humanidade. “A biodiversidade, e mais particularmente a agrobiodiversidade, surge como resultado das interações de seres vivos entre si e com os ambientes que habitam, sempre na busca da sobrevivência” (ANTUNES, 2017, p.02). Este potencial das sementes crioulas em garantir a sobrevivência, é destacado na seguinte fala de Senhor do Ferro: *“Quem tem boas sementes, quem conserva semente, tem o poder da alimentação”*

Este “poder da alimentação”, a autonomia e soberania de que trata as lideranças, está relacionada principalmente à não dependência ao mercado de sementes, que além de comprometer os povos economicamente, dominando a base de sua produção, os têm submetido a acessar sementes infecundas, com pouca diversidade genética e muitas vezes não adaptáveis ao ambiente onde serão cultivadas.

Outro ponto de destaque, é o potencial de multiplicação das sementes, responsável por aproximar os territórios a partir de seu intercâmbio, constituindo redes de troca e



apoio mútuo, fundamentais no processo de preservação, pois proporciona que os camponeses tenham maior diversidade genética e potencializem o trabalho de multiplicação, garantindo uma segurança em não perder determinada variedade no caso de alguma intercorrência na produção, pois ela estará mantida com outro guardião de sementes.

Também merece destaque a forma como é conduzido o trabalho com as sementes. Nas experiências das cinco comunidades, temos três estágios distintos, onde três delas trabalham com as sementes mediante a prática dos guardiões e o intercâmbio entre as famílias, enquanto uma avançou para a organização de uma casa comunitária e a outra para um campo de produção de sementes.

Tratando sobre os principais desafios neste trabalho com as sementes, as lideranças entrevistadas apontam como primeiro fator o modo de produção capitalista, responsável por transformar a agricultura, mas também a pesca, em atividades voltadas para a produção de mercadorias, mediante a exploração humana e da natureza, responsável pela erosão genética, a diminuição da agrobiodiversidade, extinção de espécies e interferência nos ciclos reprodutivos, assim como, contaminação dos rios, lençóis freáticos e destruição dos biomas. Como ameaça direta às sementes, têm-se a contaminação genética e por agrotóxicos, o que exige um trabalho de muito cuidado, inteligência, disciplina e segurança.

Outro desafio apontado é a falta de mobilização de mais pessoas envolvidas neste processo de resgate e multiplicação das sementes crioulas, pois, como já apontado no texto, o intercâmbio e a construção de redes é fundamental para fortalecer este trabalho. Como perspectiva de avanço, além do envolvimento de mais territórios, as lideranças apontam a formação dos camponeses e a profissionalização do processo como passos importantes.

Tratando sobre a relação com as instituições e universidades neste trabalho, apenas uma comunidade tem essa parceria. As lideranças apontam que existem iniciativas no campo do diálogo, porém, há uma grande dificuldade em construir um trabalho consistente. Neste sentido, apontam que de maneira hegemônica as instituições estão a serviço do capital, porém, consideram que seja importante estabelecer essa parceria e que o conhecimento produzido na academia deve estar à serviço da sociedade, cuidando para se manter a autonomia das comunidades no processo.

Por fim, tratando sobre a importância da autonomia, as lideranças contribuem na reflexão sobre o papel do profissional que atua no campo, compreendendo que devem trabalhar como facilitadores do processo, e não como condutores, como aponta Águas Boas, quando afirma que o profissional tem que ser um multiplicador de conhecimento, contribuir na formação dos sujeitos do campo e ao mesmo tempo se formar neste processo, perspectiva também defendida por Caporal e Costabeber (2004), que ao formularem sobre Agroecologia e Extensão Rural, vão defender que o educador extensionista deverá entender o público como sujeito, respeitando suas



experiências históricas, valores culturais e éticos, assim como as diversidades étnicas e ambientais, além de potencializar seus conhecimentos e favorecer a ação coletiva.

Conclusões

Dado o controle que tem exercido as transnacionais na produção e comercialização de sementes, a dificuldade dos povos camponeses e tradicionais em possuí-las para a prática da agricultura infelizmente é uma realidade recorrente em muitas comunidades. Diante disso, torna-se fundamental popularizar o debate sobre a preservação e produção das Sementes Crioulas como estratégia para construção da Soberania Alimentar.

Além de apresentarem grandes vantagens em relação às sementes híbridas e transgênicas, as sementes crioulas possuem uma ligação direta com a memória ancestral dos povos, carregando uma série de conhecimentos e práticas populares e tradicionais passadas de geração em geração.

Por fim, concluímos que há uma relação imbricada entre a defesa da Terra e do Território, com o resgate das sementes crioulas e a construção da soberania alimentar, de modo que, torna-se fundamental potencializar a atuação das guardiãs e guardiões de sementes, assim como, avançar na edificação de casas comunitárias de sementes e na implementação dos campos de produção.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Irajá. F., Sementes crioulas, agrobiodiversidade e agroecologia. Cadernos de Agroecologia – Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF – v. 13, nº 1, p.6, 2018. Disponível em:<https://pt.scribd.com/document/417533160/Sementes-Crioulas-Agrobiodiversidade-e-Agroecologia> Acesso: 15 de mar. de 2021

CAPORAL, Francisco R.; COSTABEBER, José A.; Agroecologia e Extensão Rural: Contribuições para a Promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, 2004.

FERNANDES, Maurício; SANTOS, Michelli F.; A Biotecnologia e seus usos entre Sementes Crioulas e Transgênicas: duas faces da Tecnologia e um caso para a Bioética, Guairacá Revista de Filosofia, Guarapuava-PR, v. 35, n. 2, p.86-101, 2019.

GIL, A. C.; Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas - 6. ed., 2008, p. 220